

VOZES EM DEFESA DA FÉ

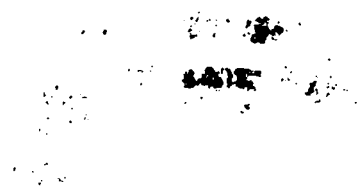
CADERNO

4

A Psicografia e Chico Xavier



EDITORA VOZES LIMITADA
PETRÓPOLIS, R. J.



15100
EL
Columbo
2019

A PSICOGRAFIA E CHICO XAVIER



1

1

1

1

1

1

1



VOZES EM DEFESA DA FÉ

CADERNO 4

FREI BOAVENTURA, O.F.M.

A Psicografia e Chico Xavier

1960

EDITORA VOZES LIMITADA
PETRÓPOLIS RJ

I M P R I M A T U R
POR COMISSÃO ESPECIAL DO EXMO.
E REVMO. SR. DOM MANUEL PEDRO
DA CUNHA CINTRA, BISPO DE PE-
TRÓPOLIS. FREI DESIDÉRIO KALVER-
KAMP, O. F. M. PETRÓPOLIS, 2-5-1960.

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

O FENÔMENO DA PSICOGRAFIA

«Ocupar-nos-emos aqui, especialmente, com os médiuns escreventes, por ser o gênero de mediunidade mais espalhado e, além disso, porque é, ao mesmo tempo, o mais simples, o mais cômodo, o que dá resultados mais satisfatórios e completos». Com estas palavras justifica Allan Kardec o seu capítulo sôbre a formação dos médiuns em *O Livro dos Médiuns*. De fato, a psicografia é praticamente o grande e quase único fenômeno com o qual se ocupam os nossos espíritas. Pediram-nos, por isso, publicássemos um caderno especial sôbre a psicografia e o maior psicógrafo do Brasil: Francisco Cândido Xavier (mais conhecido como Chico Xavier). Publicamos, por isso, em separado, o 8º capítulo do livro *O Espiritismo no Brasil* (Editora Vozes, Petrópolis 1960). Algumas questões, como os automatismos psíquicos, as personificações e as percepções extra-sensoriais, tratadas aqui resumidamente, são desenvolvidas mais amplamente em capítulos especiais da mencionada obra. Possam também estas páginas ajudar a esclarecer os católicos sôbre a tentação do Espiritismo; e a mantê-los mais fiéis a Cristo, o Divino Mestre, Senhor e Redentor.

1) KARDEC ENCONTRA AS MESAS FALANTES

Em dezembro de 1854 o Sr. Hippolyte Léon Denizard Rivail (Allan Kardec) começou a interessar-se pelas mesas que já giravam aqui no Brasil em 1853. Estudioso do «magnetismo animal» desde sua mocidade, aceitara o fluidismo mesmeriano. Como tantos outros magnetistas de seu tempo e de sua pátria (França), pareceu-lhe, a princípio, poder explicar satisfatoriamente o fenômeno da mesa dançante pela misteriosa ação magnética. Mas uma observação mais cuidadosa do fenômeno levou-o a descobrir duas particularidades muito importantes, impossíveis de ser explicadas pela força cega do magnetismo: 1) A mesa denotava inteligência e, portanto, a causa devia ser inteligente; 2) esta inteligência era autônoma, independente da inteligência das pessoas que colocavam as mãos sobre a mesa e, portanto, devia originar-se de uma causa inteligente diferente e invisível. Daí concluiu que nem o magnetismo por si só, nem as pessoas presentes, podiam ser a causa suficiente e adequada da mesa girante e falante. A «outra» inteligência extracorpórea, atuante e invisível, mas presente e interessada, era o Espírito ou os Espíritos. E assim surgiu o Espiritismo.

Kardec descreve seus primeiros contactos com as mesas girantes em suas *Obras Póstumas* (10ª ed.) pp. 237 ss. O raciocínio acima esboçado é desenvolvido em três obras diferentes: *O Livro dos Espíritos*, introdução, pp. 40 ss.; *O que é o Espiritismo*, pp. 39 ss.; e, sobretudo, através de longas páginas, em *O Livro dos Médiuns*, cap. IV e seguintes.

Neste citado capítulo de *O Livro dos Médiuns* o codificador do Espiritismo passa em revista 13 diversos sistemas excogitados para explicar a mesa girante. São:

1) O sistema do charlatanismo: E' insustentável, pois há médiuns bem intencionados. E' certo que também há velhacos.

2) O sistema da loucura: Os médiuns não seriam charlatães, mas imbecis. Também não é verdade; ao menos não sempre.

3) O sistema da alucinação: As mesas de fato não giram, os médiuns e os presentes são alucinados. E' insustentável, porque a alucinação não costuma ser tão freqüente, nem tão coletiva.

4) O sistema do músculo estalante: Há contrações voluntárias ou involuntárias do tendão do músculo curto-perônio, o que produziria os ruídos. Mas não explica tudo.

5) O sistema das causas físicas: magnetismo, eletricidade ou fluidos. Mas estas forças não explicam os fenômenos que denotam inteligência. Depois teremos que voltar a esta argumentação. Quêremos notar já aqui que Kardec, quando discorre sobre este sistema que ele chama «das causas físicas», tanto aqui, como em *O Livro dos Espíritos*, p. 41, e *O que é o Espiritismo*, p. 40, fala sempre apenas de magnetismo, eletricidade ou fluidos; outras causas físicas não são mencionadas.

6) O sistema do reflexo: a inteligência manifestada pela mesa seria um reflexo dos pensamentos do médium ou dos presentes. Contra isso lembra Kardec a independência e autonomia da inteligência manifestada. Muitas vêzes a mesa reve-

la coisas que não estão nem podiam estar na consciência do médium ou dos assistentes.

7) O sistema da alma coletiva: a alma do médium se identificaria com a dos outros presentes ou ausentes, formando um todo coletivo. Kardec confessa que não chegou a compreender o sentido exato desta opinião.

8) O sistema sonambúlico: As comunicações inteligentes provêm da alma do médium que, em estado sonambúlico, tem as faculdades mentais sobreexcitadas, conseguindo assim um maior conhecimento. Mas, responde Kardec, o médium muitas vezes não tem nenhuma consciência do que está fazendo, agindo como uma máquina, cegamente.

9) O sistema pessimista, diabólico ou demoníaco: a inteligência estranha que se manifesta através da mesa vem do demônio. Mas, observa Kardec, os demônios, como êles os entendem, não existem; muitas vezes, além disso, as mensagens são boas e recomendam obras boas.

10) O sistema otimista: só os bons Espíritos se comunicam e são a causa das manifestações inteligentes. Mas há também mensagens indignas de bons Espíritos.

11) O sistema unispírita ou mono-espírita: O espírito comunicante seria um só: Cristo. Aí Kardec recorda as comunicações da mais baixa trivialidade, de revoltante grosseria, impregnadas de malevolência e de maldade. Isso não pode vir de Cristo.

12) O sistema multispírita ou polispírita: São muitos e variados, bons e maus, os Espíritos que se comunicam. E' a teoria aceita por Kardec.

13) O sistema da alma material: seus defensores querem identificar o perispírito com a própria alma. Kardec não concorda, porque o ensino constante dos Espíritos lhe garante que a alma e o perispírito são coisas distintas.

Estas e apenas estas são as teorias das quais Allan Kardec tomou conhecimento e às quais tentou responder como pôde. Quem conhece a fisiologia e a psicologia moderna verificará facilmente a insuficiência da crítica kardecista. Nada sabe êle (e pouco podia saber) da mitomania, dos automatismos, das personificações, do subconsciente irrompido em estado de transe, dos reflexos condicionados e das percepções extra-sensoriais. Insuficientes são seus conhecimentos acêrca das alucinações, das ilusões, das impressões subjetivas, das falsas recordações, dos infinitos recursos da fraude, das interpretações delirantes, das leis do boato, etc. Do ponto de vista científico, Allan Kardec, na realidade, não é autoridade competente, para ser citado ainda hoje. Depois dêle nossos conhecimentos progrediram muito. E êle mesmo — pois era indiscutivelmente inteligente — não reeditaria hoje suas obras. Ademais, as investigações de Kardec não foram nem podiam ser tão aprofundadas como geralmente se diz. Dois anos apenas êle se ocupou com o problema e já saía prontinho *O Livro dos Espíritos*, com as doutrinas definitivas, ainda hoje em voga nos nossos meios espíritas.

Entretanto — e isso nos parece bem mais grave — Allan Kardec também não tomou conhecimento das teorias e explicações apresentadas em seu tempo pelo ilustre químico francês Chevreul e pelo eminente físico inglês Faraday. Certa-

mente, êstes dois cientistas não deram (nem podiam dar então) uma solução clara e definitiva ao problema das mesas dançantes. Entretanto, o princípio de solução indicado por êles é ainda hoje válido e confirmado pelas experiências modernas e aceito pelos cientistas.

Miguel Faraday, com efeito, apresentou em 1853 (atenda-se bem a esta data) à Sociedade Real de Londres os resultados de suas «pesquisas experimentais sôbre as mesas girantes». Demonstrou êle, em primeiro lugar, que o movimento das mesas não se devia a nenhum desprendimento de eletricidade, a nenhum fluido e a nenhuma espécie de força atrativa ou repulsiva. Mas êle concedia a realidade dos movimentos. Faraday demonstrou então experimentalmente que êstes movimentos eram produzidos pelos movimentos musculares inconscientes dos que colocavam suas mãos sôbre a mesa. Para isso colocou sôbre a mesa pedaços de cartão, unidos entre si e levemente colados à mesa. Verificou-se então que, quando a mesa se havia movimentado, também os cartões haviam deslizado um sôbre os outros no mesmo sentido da mesa, tendo avançado mais os de cima que os de baixo. Faraday deu também aos operadores um sinal que acusava imediatamente qualquer ação muscular dêles. Para isso instalou um mecanismo especial sôbre a mesa, que impedia qualquer ação muscular, mas permitia a fantasiada «Magnetização» do móvel. Com êste instrumento a mesa deixou de girar e dançar.

No ano seguinte (1854) o químico Miguel Eugênio Chevreul apresentou à Academia das Ciências de Paris sua memória «sôbre a varinha di-

vinatória, o pêndulo explorador e as mesas girantes». Já em 1812 Chevreul se dedicara, de modo inteligente e metódico, ao problema da varinha divinatória. Chegou então à conclusão de que o movimento é produzido pelo próprio indivíduo que segura a vara ou o pêndulo. Eis como êle mesmo descreve a experiência: «Quando eu sustentava o pêndulo na mão, um movimento muscular de meu braço, ainda que insensível para mim, fêz sair o pêndulo do estado de repouso e, uma vez iniciadas as oscilações, aumentaram logo devido à influência exercida pela vista para colocar-me neste estado particular de disposição ou tendência para o movimento. De maneira que existe uma íntima vinculação entre a execução de certos movimentos e o ato do pensamento que se refere a êles, mesmo que tal pensamento não seja ainda a vontade que dá ordens aos órgãos musculares». Chevreul também descobriu que, quando o pêndulo está suspenso num suporte fixo, não há «fluido» emanado das mãos capaz de pô-lo em movimento... Percebe-se que a teoria de Chevreul se aproxima bastante da moderna lei da motoricidade específica das imagens: os pensamentos provocam movimentos involuntários (automatismos). Esta teoria foi aplicada por Chevreul, em 1854, à mesa girante. O princípio, como é fácil de ver, estava certo, mas ainda devia ser completado. Mais tarde Pierre Janet (*L'Automatisme Psychologique*, Paris 1889) o aperfeiçoaria: «E' preciso ir mais longe que Chevreul — diz Janet — e, depois de ter admitido os atos sem vontade, deve-se falar de pensamentos sem consciência ou fora de nossa consci-

ência, se quisermos livrar-nos dos inúmeros diabinhos de Mirville» (p. 375) ou dos enxames de espíritos imaginados por Kardec.

Pois bem, nem Faraday, nem Chevreul, cujas teorias foram publicadas em 1853 e 1854, exatamente quando Kardec se debruçava sôbre as mesas girantes, nenhum dêles foi considerado e estudado com a devida atenção pelo codificador do Espiritismo. As preocupações de Kardec eram muito mais de ordem filosófica e religiosa que científicas. E, sobretudo, Kardec teve muita pressa: já em 1857 saía, definitivamente pronto, *O Livro dos Espíritos*.

2) A INSUFICIÊNCIA DA CRÍTICA KARDECISTA

I) Examinemos agora mais minuciosamente as críticas feitas pelo mestre espírita a algumas das teorias por êle consideradas. Criticando o sistema das causas físicas (e aí poderia ter mencionado também a teoria de Faraday e Chevreul), Kardec insiste no seguinte raciocínio: «Os movimentos e as pancadas deram sinais *inteligentes*, obedecendo à vontade e respondendo ao pensamento. Desde que o efeito deixava de ser puramente físico, outra, por isso mesmo, tinha que ser a causa... O ponto *capital*, portanto, está em verificar-se a ação inteligente, de cuja realidade se pode convencer quem quiser dar-se ao trabalho de observar» (*O Livro dos Médiuns*, p. 47). Em *O que é o Espiritismo* (p. 40) Kardec formula sua crítica nestes termos: «Se tudo se limitasse a êsses efeitos materiais, não há dúvida de que poderiam ser assim explicados; porém, quando êsses movimentos e golpes nos deram

provas de inteligência; quando se reconheceu que respondiam ao pensamento com inteira liberdade, foi-se levado a tirar a seguinte conclusão: Se todo efeito tem uma causa, o efeito inteligente tem uma causa inteligente».

Mostram êstes textos que, para Kardec, o problema principal não estava em explicar a realidade dos movimentos como tais, mas a *inteligência* que mediante êstes movimentos se manifestava. Ora, hoje, cem anos depois, já sabemos alguma coisa mais. Não apenas explicamos a realidade dos movimentos, mas compreendemos também que sejam inteligentes. Reveja-se o que dissemos a respeito dos automatismos, sejam êles provocados pelo pensamento consciente hetero-sugerido, ou em consequência de concentração mental, ou mesmo irrompidos espontâneamente do inconsciente. Em tudo isso não há hoje nenhum mistério. Nem vemos a necessidade de espíritos ou diabinhos para explicá-lo.

Em dezenas de cidades, do Norte ao Sul do Brasil, reproduzimos o fenômeno da mesa dançante, diante dos mais variados auditórios, sempre com pessoal diferente, geralmente escolhido na hora dentre os próprios assistentes, obedecendo apenas às instruções dadas por Allan Kardec em *O Livro dos Médiuns*. Aí explica êle que, para êste fenômeno, são necessárias várias pessoas "dotadas de mediunidade" e uma mesa não muito pesada. Então esclarece: "Devem todos, muito simplesmente, sentar-se ao redor da mesa e colocar-lhe em cima, espalmadas, as mãos, sem pressão, nem esforço muscular". Kardec exige ainda "recolhimento, absoluto silêncio e, sobretudo, paciência". Pois, diz êle, pode acontecer que o movimento se produza em alguns minutos, "como pode tardar meia hora ou uma hora", dependendo isso da "fôrça mediúnica dos coparticipantes".

Em nossas experiências nunca esperamos mais de dois minutos. Tomamos para isso mesas comuns, de quatro pés (os espíritas preferem mesinhas com três pés), de

1½ m de comprimento e 60-70 cm de largura (mais ou menos), sem outra exigência. Quanto mais leve tanto melhor. Escolhemos algumas pessoas nas quais se podem provocar facilmente movimentos reflexos condicionados (ou também automatismos psíquicos) e que são precisamente as "dotadas de mediunidade", segundo a terminologia espírita. Colocam as mãos espalmadas sobre a mesa (não é necessária a famosa "cadeia"), levemente concentrados no pensamento de que a mesa se levante dum lado, para descer e bater. Dirigem-se então perguntas à mesa e ela começa a responder mediante um sistema de batidas previamente combinadas (para dizer "sim", vai bater uma vez; para dizer "não", duas vezes; para dizer "não sei", três vezes; etc.). E não há dúvida: a mesa bate e bate com inteligência. Mas não há dúvida também: a mesa é acionada por movimentos musculares inconscientes dos que colocam as mãos sobre ela. E' facilímo verificá-lo com aparelhos especiais que registram as reações musculares. Não é necessário que as pessoas estejam em estado de transe. No final da experiência costumamos perguntar às pessoas que colocaram as mãos sobre a mesa se fizeram alguma força para levantar ou movimentar o móvel. Todas respondem, invariavelmente: "Não!" E seriam capazes de confirmar com juramento a sinceridade da negação. Realmente: nada fizeram *conscientemente*, querendo; mas tudo fizeram sem querer, *inconscientemente*. Pois uma das propriedades das pessoas "sugestionáveis" é precisamente esta: sofrer movimentos musculares inconscientes e involuntários, apesar de estarem perfeitamente vígeis e acompanhando com interesse e grande surpresa para elas mesmas a experiência. Querer agora explicar os movimentos da mesa como resultado da ação misteriosa de entidades do além (espíritos, diabos, "forças astrais"...) seria ignorar princípios fundamentais e bem conhecidos da Psicologia.

II) Refutando o sistema por êle denominado «sonambúlico» (segundo o qual a alma teria suas faculdades mentais sobreexcitadas, que lhe permitiriam um conhecimento mais amplo), pondera Allan Kardec: «Poder-se-ia acreditar que fôsse assim, se o médium tivesse sempre ar de inspirado ou de extático, aspecto que, aliás, lhe seria fácil

aparentar perfeitamente, se quisesse representar uma comédia. Como, porém, se há de crer na inspiração, *quando o médium escreve como uma máquina, sem ter a mínima consciência do que está obtendo, sem ter a menor emoção, sem se ocupar com o que faz, distraído, rindo e conversando de uma coisa e de outra?»* (O Livro dos Médiuns, p. 49, grifo nosso). E, acrescenta Kardec, esta sobre-excitação das idéias seria incompreensível quando as comunicações são transmitidas por pancadas ou com o auxílio de uma prancheta ou de uma cesta.

Aqui, portanto, damos com um segundo problema fundamental de Kardec: o médium é como uma máquina, não tem nem a mínima consciência de estar produzindo uma mensagem. Portanto, conclui o espírita, a mensagem não tem a sua causa adequada no médium. Isso era compreensível naquele tempo, quando ainda se admitia o princípio da unidade do eu ou da perfeita identidade entre o indivíduo e sua personalidade consciente. Hoje, porém, não se admite mais êste princípio. O homem não é uma unidade psíquica. Ao lado do dinamismo consciente, existe o dinamismo inconsciente, profundo e amplo, incomparavelmente mais vasto que o eu consciente. O grande psicólogo Jung afirma que a descoberta do inconsciente separou radicalmente a nova psicologia da velha, «causando nela a mesma revolução que a descoberta da radioatividade na física clássica». E sabe-se que uma das vias prediletas pelas quais costumam irromper as profundezas da alma é precisamente a via motriz ou dos movimentos inconscientes dos músculos. E a escrita automática (pelo lápis ou pela mesa, pouco importa) é um caso típico. E não é necessário que o atuante (ou o «médium» dos espíritas) es-

teja em estado de transe ou de especial concentração. Fizemos várias experiências, com diferentes pessoas (do tipo sugestionável que sofre facilmente movimentos musculares inconscientes), não apenas para fazer a mesa dançar e responder mediante batidas, mas também para fazer o lápis discorrer sobre o papel, ficando o paciente exatamente no estado descrito por Kardec: «como uma máquina, sem ter a mínima consciência do que está obtendo, sem ter a menor emoção, sem se ocupar com o que faz, distraído...»

III) Ao criticar o sistema que êle chama «de reflexo» (segundo o qual a inteligência manifestada seria um reflexo do pensamento do médium ou dos presentes) observa Allan Kardec: «Só a experiência podia confirmar ou condenar essa teoria, e a experiência a condenou, porquanto demonstra a todos os momentos, e com os mais positivos fatos, que o pensamento expresso, não somente pode ser estranho ao dos assistentes, mas que lhes é, muitas vezes, contrário; que contradiz tôdas as idéias preconcebidas e frustra tôdas as previsões» (*O Livro dos Médiuns*, p. 47).

Eis, pois, o terceiro problema básico: A misteriosa inteligência é capaz de revelar coisas que nem o médium, nem os presentes podem saber. E aí está, propriamente, a razão principal que conduziu Allan Kardec à teoria espírita. Muitas vezes insiste neste argumento. E era, realmente, um motivo forte, digno de ser examinado e investigado. Está claro que Kardec não nos querará dizer que *tôdas* as mensagens obtidas pela mesa ou, depois, pelo lápis, apresentam um conteúdo surpreendente. Um estudo atento das obras psicografadas e publi-

cadadas (e estas serão, sem dúvida, as melhores) revela que, geralmente, o conteúdo das mensagens não é surpreendente e, quando é, surpreende por sua banalidade, como ainda havemos de mostrar. Entretanto, não queremos negar que o fato, assinalado por Kardec e pelos espíritas, de quando em quando se apresente realmente. Isto é: A escrita automática é, de fato, capaz de revelar coisas e dados que nem o médium nem os presentes podem saber. Verificamos o fato, pessoalmente, mais de uma vez. Mas também aqui a psicologia moderna (ou, se preferirem, a Parapsicologia ou a Metapsíquica) pode vir em nosso auxílio. Já falamos da percepção extra-sensorial ou do fenômeno psi-gama.¹ Para maior clareza, tentaremos resumir em alguns itens as principais conclusões da Parapsicologia da escola de Rhine :

1) O fenômeno psi-gama, ou a percepção extra-sensorial (ESP), independente do raciocínio e das vias sensoriais conhecidas, existe realmente e é de todo natural. Somente a ignorância dos resultados experimentais obtidos em mais de cinco milhões de experiências pode explicar o ceticismo.

2) Todos os homens normais têm a possibilidade de perceber extra-sensorialmente.

3) Parece que o fenômeno psi-gama não depende das leis do espaço: a maior ou menor distância entre o agente e o percipiente não afeta nem modifica a percepção.

¹ Veja *O Espiritismo no Brasil*, cap. IV, com longo e interessante estudo sobre a percepção extra-sensorial. O livro pode ser adquirido na Editora Vozes (Caixa Postal 23, Petrópolis, R. J.).

4) O conhecimento paranormal não parece depender das leis comuns do tempo, nem do passado, nem do futuro.

5) O conhecimento psigâmico ou paranormal se manifesta pela via motriz, pela via de imagens e pela via onírica.

Portanto, também para responder ao terceiro problema, não há necessidade nem de espíritos nem de diabinhos. Basta a Ciência.

Assim vimos que a mesa girante, principalmente quando fala e revela dados desconhecidos, é um fenômeno complexo com várias causas e não um fenômeno simples com uma só causa. Ou melhor: a mesa dançante pode ser um fenômeno simples (quando apenas faz movimentos) com uma causa simples (movimentos musculares inconscientes); pode ser um fenômeno composto (quando dança e responde inteligentemente) com causa composta (automatismo orientado pelo dinamismo inconsciente do médium); e pode ser um fenômeno complexo (movimentos, com inteligência, revelações surpreendentes e assinatura de um nome estranho) com causa complexa (automatismo, percepção extra-sensorial, personificação).

3) A PSICOGRAFIA APRESENTADA POR ALLAN KARDEC

«As mesas girantes — declara Allan Kardec — representarão sempre o ponto de partida da Doutrina Espírita» (*O Livro dos Médiuns*, p. 66). Entretanto, bem depressa notou que o processo de comunicar-se com os espíritos mediante batidas da mesa era «muito moroso» (ib. 71 e 153). Por isso, diz Kardec, os próprios espíritos «indicaram ou-

tros meios» (p. 71): o das comunicações *escritas*. Veio assim a «escrita automática» ou a «psicografia».

E' ainda Kardec quem nos vai historiar o fato: «Receberam-se as primeiras dêste gênero, adaptando-se um lápis ao pé de uma mesa leve, colocada sobre uma fôlha de papel. Posta em movimento pela influência de um médium, a mesa começou a traçar caracteres, depois palavras e frases. Simplificou-se gradualmente o processo, pelo emprêgo de mesinhas do tamanho de uma mão, construídas expressamente para isso; em seguida, pelo de cestas, de caixas de papelão e, afinal, pelo de simples pranchetas. A escrita saía tão corrente, tão rápida e tão fácil como com a mão. Porém reconheceu-se mais tarde — é sempre Allan Kardec quem dá essas informações — que todos aquêles objetos não passavam, em definitivo, de apêndices, de verdadeiras lapiseiras, de que se podia prescindir, segurando o médium, com sua própria mão, o lápis. Forçada a um movimento involuntário, a mão escrevia sob o impulso que lhe imprimia o Espírito e sem o concurso da vontade, nem do pensamento do médium. A partir de então, as comunicações de além-túmulo se tornaram sem limites, como o é a correspondência habitual entre os vivos» (pp. 71 s.).

Mais adiante, no cap. XIII, Kardec descreve minuciosamente essas várias maneiras de «psicografar», principalmente o sistema da «cesta-pião», da «cesta de bico» e da prancheta (que é mais ou menos o «oui-ja» dos americanos). Kardec dá então a êsses métodos o nome de *psicografia indireta*.

Quando, porém, o médium pega diretamente no lápis e o faz deslizar sobre o papel, então temos a *psicografia direta* ou propriamente dita. E' o fenô-

meno mais cômodo e o mais fácil e mais em voga até hoje. Kardec o descreve nas seguintes palavras: «O Espírito que se comunica atua sôbre o médium que, debaixo dessa influência, move *maquinalmente* o braço e a mão para escrever, sem ter (é pelo menos o caso mais comum) a menor consciência do que escreve» (p. 164).

No cap. XV o codificador do Espiritismo divide os médiuns psicógrafos em três categorias:

a) Médiuns mecânicos: aquêles cuja mão recebe um impulso involuntário e que nenhuma consciência têm do que escrevem. Kardec insiste: «O que caracteriza o fenômeno é que o médium não tem a menor consciência do que escreve... E' preciosa esta faculdade, por não permitir dúvida alguma sôbre a independência do pensamento daquele que escreve» (p. 182). Mas observa na p. 193 que êstes médiuns são «muito raros».

b) Médiuns semimecânicos: aquêles cuja mão se move involuntariamente, mas que têm, instantaneamente, consciência das palavras ou das frases, à medida que escrevem. «Sente que à sua mão uma impulsão é dada, mau grado seu, mas ao mesmo tempo tem consciência do que escreve» (p. 183). Declara que êste é o tipo mais comum (pp. 183 e 193).

c) Médiuns intuitivos: aquêles com quem os espíritos se comunicam pelo pensamento e cuja mão é conduzida voluntariamente. Neste caso o espírito não atua sôbre a mão do médium, mas «atua sôbre a alma, com a qual se identifica. A alma, sob êsse impulso, dirige a mão e esta dirige o lápis... Nessa situação o médium tem consciência do que escreve» (p. 182). Kardec concede logo que neste caso será bem difícil saber se o pensamento vem

do espírito ou da alma do médium. Mas, consola-se, «pode acontecer que isso pouca importância apresente» (!) e continua, benévolo: «Todavia, é possível reconhecer-se o pensamento sugerido, por não ser nunca preconcebido; nasce à medida que a escrita vai sendo traçada» (p. 183). Isso, para Allan Kardec, já é prova de que o pensamento não é produto do esforço da alma, mas resultado da ação do espírito. Vê-se que a benevolência para com o espírito é muito maior do que para com a alma da gente. Aliás, logo adiante, ao falar dos «médiuns inspirados», diz que «todo aquêle que, tanto no estado normal, como no de êxtase, recebe, pelo pensamento, comunicações estranhas às suas idéias preconcebidas, pode ser incluído na categoria dos médiuns inspirados» (p. 183). E por isso, acrescenta êle, «pode dizer-se que todos são médiuns». Basta ter uma nova idéia que súbitamente vem à tona — é prova que um espírito está atuando sobre nós! Kardec di-lo expressamente. E ainda acrescenta que os homens de gênio, de tôdas as espécies, artistas, sábios, literatos, «as mais das vêzes, são médiuns sem o saberem» (p. 184).

Convém deixar claro o pensamento kardecista ou espírita a respeito dêste ponto, porque nos revela uma psicologia muito especial e muito acaanhada. Em *O Livro dos Espíritos*, que é a obra principal da codificação e que foi revista pelo além²,

² Em *O Livros dos Médiuns*, pp. 86 s., o Sr. Allan Kardec nos faz a seguinte curiosa confidência: “Há muitos anos, quando ainda iniciava meus estudos sobre o Espiritismo, estando certa noite entregue a um trabalho referente a esta matéria, pancadas se fizeram ouvir em torno de mim, durante quatro horas consecutivas. Era a primeira vez que tal coisa me acontecia. Verifiquei não serem devidas a nenhuma causa accidental, mas, na ocasião, foi só o que pude saber. Por essa época, tinha eu freqüentes ensejos de

Kardec é instruído pelos «espíritos superiores». Pergunta êle, no nº 459: «Influem os Espíritos em nossos pensamentos e em nossos atos?» — Resposta: «Muito mais do que imaginais. Influem a tal ponto que de ordinário são êles que vos dirigem». No número 461 pergunta como é possível distinguir os nossos pensamentos dos do espírito; e recebe o seguinte critério: «Geralmente, os pensamentos próprios são os que acodem em primeiro lugar»; mas, acrescenta, «não vos é de grande interesse estabelecer essa distinção». No número 577 dá um exemplo de certas iniciativas que os espíritos podem tomar: «Por exemplo, entende um Espírito ser útil que se escreva um livro, que êle próprio escreveria se estivesse encarnado. Procura então o escritor mais apto a lhe compreender e executar o pensamento. Transmite-lhe a idéia do livro e o dirige na execução... O mesmo ocorre com diversos trabalhos artísticos e muitas descobertas».

Estranha psicologia! Não só não deixa nenhum lugar para o dinamismo inconsciente no homem, mas a própria vida consciente sofre constantes interferências na sua atividade intelectual: «Não

estar com um médium escrevente. No dia seguinte, perguntei ao Espírito, que por seu intermédio se comunicava, qual a causa daquelas pancadas. *Era*, respondeu-me êle, *o teu Espírito familiar que te desejava falar*. — Que queria de mim? Resp.: Êle está aqui, pergunta-lhe. — Tendo-o eu interrogado, aquêle Espírito se deu a conhecer sob um nome alegórico. (Vim a saber depois, por outros Espíritos, que pertence a uma categoria muito elevada e que desempenhou na Terra importante papel). Apontou erros no meu trabalho, indicando-me *as linhas* onde se encontravam; deu-me úteis e sábios conselhos e acrescentou que estaria sempre comigo e atenderia ao meu chamado tôdas as vêzes que o quisesse interrogar. A partir de então, com efeito, êsse Espírito nunca mais me abandonou". — Feliz Kardec!...

ignorais — ensinam os espíritos de Kardec — que, frequentemente, muitos pensamentos vos acodem a um tempo sôbre o mesmo assunto e, não raro, contrários uns aos outros. Pois bem! No conjunto dêles, estão sempre de mistura os vossos com os nossos. Daí a incerteza em que vos vêdes» (nº 460).

Seria o caso de mandar todos os espíritos às favas e pedir que nos deixem em paz e tranqüila atividade. Escrevo hoje uma página; releio amanhã: corrijo o pensamento — e eis que me proclamam médium psicógrafo do tipo intuitivo!

Fechem-se todos os tratados de psicologia do século XX!...

4) ANÁLISE PSICOLÓGICA DE UMA MENSAGEM PSICOGRAFADA

Figuremos um fenômeno autêntico de psicografia, sem fraude nem simulação. Façamos mesmo a melhor suposição, do ponto de vista espírita: Um médium, residente no Rio, sente repentinamente um impulso estranho e involuntário na mão, pega dum lápis, coloca a mão e o lápis sôbre uma fôlha de papel, a mão escreve nervosamente, sem que o médium tenha a menor idéia (é «médium mecânico», segundo a terminologia de Kardec), e eis que aparece a seguinte mensagem: «Papai está doente. Alice». — Mas o pai do médium mora em São Paulo e o médium ainda ontem recebeu uma carta de casa informando que lá todos vão muito bem. «Alice» é o nome do espírito «guia». Imediatamente nosso médium pede uma ligação telefônica para São Paulo e de lá vem a informação clara e inegável: «Papai está doente».

Eis o fenômeno. Kardec e seus seguidores o terão certamente como um bom e raro fenômeno

espírita. Dizemos «raro», porque a grande maioria das mensagens psicografadas não traz nenhuma surpresa na mensagem; e também porque, segundo Kardec, os médiuns mecânicos são raros.

Tentemos agora uma serena análise psicológica deste fenômeno, de acordo com os conhecimentos de hoje e não com os de cem anos atrás. O fenômeno, como se vê, não é simples, mas complexo. Analisando-o e decompondo-o em suas partes constitutivas, teremos quatro elementos:

- 1) O movimento impulsivo e involuntário da mão do médium com o lápis;
- 2) a escrita inconsciente mas inteligente, produzindo uma mensagem;
- 3) a mensagem surpreendente, com um conteúdo que o médium não podia conhecer;
- 4) o nome estranho que assina o recado.

Ora, não é difícil demonstrar, à luz dos atuais conhecimentos da Psicologia e Parapsicologia, que cada um destes quatro elementos constitutivos está perfeitamente dentro do âmbito das potências e faculdades naturais da alma humana, sem precisar, para sua realização, do concurso de espíritos ou almas desencarnadas. Logo, também o seu conjunto ou a conjunção dos quatro elementos num só fenômeno complexo é natural ou, como diriam os espíritas, é «anímico» (segundo a terminologia não muito feliz de Aksakoff e Bozzano). Para fazer esta demonstração basta recordar resumidamente o que já dissemos acerca dos automatismos, da percepção extra-sensorial e da personificação. Com efeito:

- 1) A lei da motoricidade específica das imagens é capaz de desencadear movimentos musculares bastante complexos, independentes da vontade e da

consciência. Estes movimentos impulsivos e repentinos podem irromper espontaneamente da alma humana. Os espíritas ainda não se conformaram com a idéia do subconsciente no homem. Compreende-se esta atitude reacionária em vista de suas convicções formuladas há cem anos, quando as descobertas de F. H. W. Myers, W. James, P. Janet, Charcot, Freud, Bleuler, Adler, Jung e outros ainda estavam numa fase totalmente embrionária. Mas como eles constantemente fazem praça de marcar passo com a Ciência, está na hora, também para eles, de começar a falar de modo diferente. Já não estamos no orgulhoso século XIX. Ora, estes automatismos explicam cabalmente não apenas o movimento impulsivo e involuntário da mão do médium com o lápis (primeiro elemento), mas também a escrita inconsciente e inteligente, produzindo uma mensagem (segundo elemento). A psiquiatria conhece muito bem o fenômeno da escrita automática de certos dementes, que são capazes de produzir páginas e páginas de mensagens «para salvar o mundo». Ninguém dirá hoje que eles são movidos por espíritos do além. Falando de um caso semelhante, dizia Richet: «Parece-me sempre mais simples admitir que a bela inteligência de Sardou fêz um trabalho inconsciente do que supor que a alma de Mozart veio animar os músculos de Victorien Sardou» (*Tratado de Metapsíquica*, vol. I, p. 82). E não nos esqueçamos dêste outro princípio formulado pelo mesmo autor na p. 78: «O inconsciente é capaz de fazer tudo o que o consciente pode fazer».

2) As experiências (pelo método quantitativo) da escola de Rhine provam a realidade da percepção extra-sensorial no homem. Verificou-se também que esta percepção independente das leis co-

muns do espaço, isto é: a distância (Rio-São Paulo) não modifica nem afeta a natureza da percepção psi-gama. Sabe-se ainda que a percepção é mais fácil e mais segura quando incide sobre um objeto carregado de valores existenciais, com ressonância afetiva (doença do pai, ou morte de uma pessoa, desastre, etc.). Assim também o terceiro elemento (a mensagem surpreendente, com um conteúdo que não se podia obter pelas vias normais e conhecidas) recebe hoje sua perfeita explicação natural.

3) A lei da personificação: Todo estado de consciência tende para uma forma pessoal. Assim, quando um conteúdo inconsciente surge à consciência ou se exterioriza mediante movimentos automáticos, êle tem a tendência de apresentar-se em forma pessoal. Como o «eu» consciente e normal não se reconhece como autor nem dos movimentos, nem da mensagem, forma-se uma nova síntese mental, com um «eu» próprio, que se responsabiliza por êstes estranhos efeitos, tomando mesmo um nome próprio, diferente do nome pelo qual se conhece o «eu» normal e comum. E' bastante freqüente, em certos doentes mentais, esta aparição de nova personalidade ou, como se diz, o desdobramento da personalidade. O novo «eu» pode até coexistir com o «eu» normal. Tudo isso é natural («anímico») e nada tem a ver com espíritos. O «eu» consciente, tomado ou surpreendido por aquêle outro «eu», sente que os movimentos e a mensagem não são «dêle», mas do «outro», e nega firmemente sua autoria. O «outro» toma então um nome condicionado por suas convicções mais profundas: será um «espírito», um «guia», um «caboclo», um «prêto velho», um «santo» ou o «demônio», conforme suas crenças.

No caso era «Alice», porque o médium era espírita; se fôsse umbandista, seria «pai João». E assim se explica o quarto elemento (o nome estranho que assina o recado).

Objetarão que esta explicação é complicada e a espírita é simples. Respondemos: o fenômeno também é complexo e a simplicidade de uma explicação nunca foi critério de verdade. O fenômeno simples, com um só elemento, terá explicação simples; o fenômeno composto, com muitos elementos, terá que ser decomposto e analisado e receberá explicação por partes. Em ciência é assim e tem que ser assim. Querer explicar um fenômeno composto por um fator simples não é ciência, é simploriedade.

Vejamos agora um caso concreto de psicografia espírita. E iremos ao caso mais famoso no Brasil:

5) NOSSO MAIOR PSICÓGRAFO

O Sr. Francisco Cândido Xavier («Chico Xavier») é, sem dúvida, atualmente o médium mais famoso que temos no Brasil. Seus livros psicografados (e que já se aproximam da casa dos 60) e amplamente difundidos e propagados pela Federação Espírita Brasileira, como também os sonetos e sueltos que aparecem invariavelmente nos 160 periódicos espíritas de tôda a nação, fizeram dêle um médium idolatrado em quase todos os nossos centros espíritas. Não podemos, por isso, deixar de referir-nos a êle de modo particular.

Nasceu na cidade de Pedro Leopoldo, M.G., em 1910. Frei Boaventura Chasseriau, O. P., que estêve cinco vezes em Pedro Leopoldo para estudar o famoso médium, publicou em *O Diário*, de Belo Horizonte (em 1954), uma série de artigos, dando as seguintes informações: «Fêz o curso primário e estudou mais um ano com uma professora particular. Distinguia-se, com efeito, por sua inteli-

gência, sua memória prodigiosa e sua aplicação ao estudo. Só queria ler e estudar. Havia nêle, porém, um complexo de retraimento e de concentração em si mesmo. Era um tanto esquisito, não participava dos brinquedos nem das rodas dos outros meninos, e quando dêles queria participar, era tão sem jeito e sem graça, que preferia desistir e voltar para seu lugar. Vivia mais calado. Terminados os estudos, Chico Xavier empregou-se em Pedro Leopoldo como caixeiro de loja. Mais tarde um espírita o trouxe para Belo Horizonte para que fôsse empregado dêle, como o foi de fato durante vários anos. Voltou finalmente para Pedro Leopoldo, onde vive com seus irmãos, funcionário da Fazenda Modelo e médium no Centro Espírita... Em menino e rapazinho, Chico Xavier foi católico. Uma irmã que sofria ataques, foi para êle ocasião dos primeiros contactos com o Centro Espírita. A família levou a mocinha a um espírita que morava em Chamine. Mais tarde o espírita mudou-se para Pedro Leopoldo, passou a dar sessões na própria casa de Chico Xavier e foi durante bastante tempo o primeiro chefe espírita do lugar". — Em 1958, depois dos aborrecimentos que teve com seu sobrinho Amauri Pena, mudou-se para Uberaba, para onde continua atraindo multidões de espíritas e curiosos de todo o Brasil.

A propaganda espírita persiste em apresentar Chico Xavier como um cidadão sem formação, sem cultura e apenas semi-alfabetizado, para poder, desta forma, exaltar suas qualidades mediúnicas, capazes de receber obras e mensagens no estilo de Humberto de Campos, Antero de Quental, Augusto dos Anjos, Auta de Sousa, Casemiro Cunha, Cruz e Sousa, Guerra Junqueiro, João de Deus, Olavo Bilac e de outros conhecidos autores da literatura nacional e portuguesa. A pergunta, muito comum no Brasil inteiro, e que já nos foi feita inúmeras vezes, é esta: Como é possível que um ignorante e iletrado seja capaz de escrever tudo isso, em tão diferentes estilos?

E' o argumento mais decisivo e popular que os espíritas apresentam no Brasil para provar a rea-

lidade da psicografia ou comunicações por escrito com os espíritos do além.

O que dissemos da psicografia em geral pode ser agora aplicado a êste caso particular. Nem vale a pena repetir aquêles princípios gerais. Entretanto, antes de tentarmos «explicar» o fenômeno Chico Xavier (investigação da verdade filosófica), convém primeiro «verificar» sua verdade histórica. Porque nem tudo quanto se propaga acêrca do famoso médium mineiro corresponde à realidade. Com isso não queremos, de modo algum, levantar uma acusação contra o próprio médium. Certamente não é êle a causa de tantos boatos e exageros. Fazemos mesmo questão de declarar que acreditamos na sinceridade, na boa fé e nas retas intenções de Chico Xavier. No dia 9 de maio de 1957 estivemos em Pedro Leopoldo e conversamos pessoalmente com êle durante quase duas horas. Êle não terá ainda olvidado a animada conversa que então tivemos. Os jornais e as revistas espíritas, que imediatamente tomaram conhecimento dêste nosso encontro, começaram logo a fantasiar fluídicamente. Num dêstes jornais lemos, por exemplo, «que o frade foi ao encontro do médium, disposto a desmascará-lo, tentando hipnotizá-lo, tentativa que redundou em fracasso»...

Que espírito brincalhão do além teria ditado tão feia cincada?

Mas vamos primeiramente destruir o mito espírita em tôrno do semi-alfabetizado Chico Xavier. Para isso apresentamos os seguintes argumentos:

1) O próprio Chico, no prefácio de seu *Parnaso de Além Túmulo*, se apresenta a si mesmo como um môço com «o mais pronunciado pendor para

a literatura», com «a melhor boa vontade para o estudo», que em casa «estudou o que pôde».

2) Um padre da Arquidiocese de Belo Horizonte nos forneceu por escrito o seguinte depoimento: «Tenho o prazer de informá-lo que conheci o Francisco Xavier em 1933. Nessa época, êle ainda trabalhava numa pequena casa de comércio, em Pedro Leopoldo. Na ocasião, em julho de 33, salvo engano, êle me deu para ler um álbum de poesias dêle. Eram poemas, sonetos, quase todos melhores do que a imitação de Guerra Junqueiro que êle publicou no *Parnaso de Além Túmulo*. Foi por intermédio de Francisco Xavier que conheci Augusto dos Anjos. Êle declamava grande parte do «Eu». Lera tanto Augusto dos Anjos que o sabia de cor. Ainda me lembro muito de ouvi-lo declamar com entusiasmo o «Árvore da serra». Em 1933 êle estava encantado com Augusto dos Anjos.* Já por essa época, êle lia o espanhol e o francês: assim me disse várias vêzes. Conhecia bem a literatura brasileira e lia muito. Nós nos correspondíamos em fins de 1933 e 1934 — e é pena que não tenha guardado as cartas dêle, da época. Nelas, o tema era literatura e poder-se-ia ver bem que êle não era quase analfabeto, com apenas a instrução primária, conforme afirma no prefácio do *Parnaso*. E' o que lhe posso informar por conhecimento próprio. Ainda devo acrescentar que lá por 1941 ou 42 visitei, com alunos do Seminário, a Fazenda do Estado, em Pedro Leopoldo, onde me encontrei com êle. Conversamos sôbre Santa Teresa e São João da Cruz. Eu acabara de ler as obras de San-

* Note-se que no *Parnaso de Além Túmulo* o «espírito» de Augusto dos Anjos ditou o maior número de poemas...

ta Teresa e êle conhecia bem não só Santa Teresa, mas também São João da Cruz».

3) Chico Xavier chegou mesmo a publicar sonetos feitos por êle. Veja-se, por exemplo, êste, que apareceu no *Jornal das Môças* de 24 de setembro de 1931, que prova, pela espontaneidade e correção do metro, que lhe era familiar o prazer de versejar:

Penitente Feliz.

A Gláucia.

Nas dolorosas vias dos destinos,
Eu vou marchando, humilde penitente,
E, embora a dor, eu marchô alegremente,
Da luz buscando os páramos divinos.

Quando a mágoa me açoita, persistente,
Tangedoura dos pobres peregrinos,
Eu vislumbro reflexos tão celinos,
De alma feliz, esperançosa e crente.

Embora em pleno viço dos meus anos,
A mocidade não me traz enganos,
Nem a ilusão me envolve nos seus véus;

E, abandonando os gozos mais vulgares,
Sinto a luz dos espaços estelares,
— A alma vibrando na amplidão dos céus!

Ou, então, êste, também publicado no mesmo *Jornal das Môças*:

Sôbre a Dor.

Suportâ calmo a dor que padeceres
Convicto de que até dos sofrimentos,
No desempenho austero dos deveres,
Mana o sol que clareia os sentimentos.

Tolera sempre as mágoas que sofreres,
Em teus dias tristonhos e nevoentos,
Há reais e legítimos prazeres
Por trás dos prantos e padecimentos.

A dor, constantemente, em tôda parte,
Inspira as epopéias fulgurantes,
Nas lutas do viver, no amor, na arte;

Nela existe uma célica harmonia,
Que nos desvenda, rápidos instantes,
Mananciais de lúcida poesia!

Parece-nos que êstes argumentos provam suficientemente nossa tese: Chico Xavier é inteligente, culto e poeta por inclinação.

4) Mas há ainda outro exagêro na propaganda espírita. Exaltam a perfeição dos vários estilos na obra do médium. Dizem que Olavo Bilac, Humberto de Campos e outros mestres da nossa literatura reaparecem através do lápis de Chico em sua antiga perfeição. E propagam que até um Agripino Grieco reconheceu o inconfundível estilo de Humberto de Campos. Mas o que na realidade encontramos nas declarações de Agripino Grieco é um pouco diferente. Diz, textualmente, ao *Diário da Noite* (S. P.) de 28-6-1944 (no tempo do famoso processo que a família de Humberto de Campos moveu contra a Federação Espírita): «A Humberto de Campos, entretanto, penso que já bastariam os livros por êle escritos ainda em vida, para que sua glória se tornasse imperecível. Os livros póstumos, ou pretensamente póstumos, nada lhe acrescentam à glória, *sendo mesmo bastante inferiores aos escritos em vida*. Interessante: De todos os livros que conheço como sendo psicografados, escritos por intermédio da mão ligeira de um médium, *nenhum se equipara* aos produzidos quando era o

escritor quem fazia a pena deslizar sôbre o papel. O mesmo sucede com as obras do espírito de Vítor Hugo, «apanhadas» aqui no Brasil e em português. Parecem-me tôdas de um Vítor Hugo em plena caducidade, com uma catarreira senil das mais alarmantes... Outra coisa: Em geral êsses livros só se reportam a coisas terrestres: não são livros do Além, mas simplesmente do Aquém, retrospectivos, autobiográficos, de um mundo que já conhecemos miudamente...»

Até aqui o depoimento de Agripino Grieco. Outro crítico, o Sr. João Dornas Filho, comparou o Olavo Bilac póstumo de Chico Xavier com as produções do poeta vivo: «Pois bem, êsse homem, que em vida e segundo a doutrina espírita estava sujeito às deficiências, aos erros, à contingência do estado de encarnação e só desencarnado poderia realizar ou iniciar o seu período de perfeição; êsse homem que no estágio de imperfeição nunca assinou um verso imperfeito — depois de morto ditou ao Sr. Xavier sonetos inteirinhos abaixo de medíocres! Cheio de versos mal medidos, mal rimados e, sobretudo, numa língua que Bilac absolutamente não escrevia!» E dá, então, exemplos tirados do *Parnaso* de Chico Xavier. Depois o mesmo crítico tece as seguintes mui oportunas considerações:

“Acho que (os espíritas) não devem lançar mão de fenômenos que não têm a transcendência que supõem, dados os veementes indícios de que interessam mais, talvez, à psiquiatria do que à religião. Se a doutrina é boa, não precisa dêsses artifícios para vencer, artifícios que só poderão comprometê-la aos olhos de quem não se deixa levar pelas primeiras aparências de verdade. Que prossigam nas experiências, mas rigorosamente controladas e observadas sem intolerância e furores místicos, é até elogiável; o espírito humano tem avançado sempre justamente por êsse

caminho. Mas eliminem êsse processo de afirmar categoricamente nessas questões em que a dúvida, a incerteza, a obscuridade de fenômenos ainda impenetráveis se reduzem a um amontoado de hipóteses freqüentemente discordantes. Nada de afirmações irrecorríveis em assunto dessa transcendência e envolto ainda pelo véu dos mais densos mistérios. E' necessário proceder como a Ciência, que só afirma limitando e condicionando a hipótese ao grau de conhecimento. Do contrário será o fanatismo, e o fanatismo é o aniquilamento de tôdas as construções nesta hora realista da Experiência e do Fato, ao contrário da psicografia que, antes de ser um conjunto de leis firmadas pela experimentação, já está tomando ares dogmáticos que a boa razão absolutamente não aceita" (*Fôlha da Manhã*, S. P., 19-4-1945).

5) E devemos assinalar mais um ponto importante: Há motivos para suspeitar que as mensagens psicografadas *publicadas* tenham sofrido modificações por gente desta terra. Quando nos vem uma mensagem do além, ou até mesmo revelações destinadas a «completar, explicar e desenvolver» a doutrina cristã (coisa que os espíritas pretendem com sua «terceira revelação»), então fazemos questão de ter as novas «revelações» exatamente assim como vieram ou foram ditadas. Hoje há tanta facilidade de reproduzir os originais em fotocópias absolutamente fiéis. Devia haver uma regra ou norma neste sentido, se quisermos realmente dar valor às comunicações «do além». Allan Kardec, por exemplo, nos conta em suas *Obras Póstumas*, p. 243, como foi que êle compôs o *Livro dos Espíritos* (que é a obra básica da Doutrina Espírita e da «Terceira Revelação»). Diz êle que teve para isso o concurso de «mais de dez médiuns», pelos quais recebeu comunicações, revelações e respostas dos «espíritos superiores». E então confessa que o dito livro nasceu «da comparação e da fusão de tôdas as respostas, coordenadas, classificadas e mui-

tas vêzes remodeladas no silêncio da meditação». Vejam bem: «remodeladas»! O que nos interessa não são as idéias particulares de Allan Kardec, mas as mensagens e revelações, assim como foram ditadas e não assim como foram remodeladas. ‘

Ora, também as obras de Chico Xavier foram remodeladas e corrigidas. Para comprovar êste aserto, apresentamos o seguinte documento: O jornal espírita *O Poder*, de Belo Horizonte, de 10-5-1953 (nº 329), publica um artigo do espírita Sousa do Prado, com notáveis revelações sôbre o que acontece atrás dos bastidores do Espiritismo nacional. O artigo é muito comprido e, por isso, não pode ser integralmente transcrito. Mas não podemos deixar de transcrever algumas passagens mais incisivas:

Um dia, o Sr. Vantuil de Freitas — já depois de ter conseguido escalar a presidência da Federação — chamou-nos, muito interessado; precisava muito de falar conosco, *particularmente*. Tinha, na mão, um maço de provas tipográficas.

— Mas você não me comprometa, Sousa do Prado.

— Não — dissemos nós.

— Você sabe que quem corrige todos os trabalhos recebidos pelo Chico Xavier é o Quintão.

— Sei — respondemos. — Por sinal que, com tais *correções*, consegue desfigurar quase completamente o estilo dos espíritos que ditam as obras ao médium, enxertando-lhes têrmos esdrúxulos, que êles nunca usaram enquanto encarnados...

— Pois bem; foi êle, portanto, quem corrigiu os originais e as provas de “Nosso Lar”, que vai ser, agora, novamente publicado.

Em parênteses, esclareceremos que não temos bem a certeza se se tratava dêste trabalho ou de “Brasil Coração do Mundo Pátria do Evangelho”...

‘ Veja-se sôbre isso nossa crítica bastante ampla e vigorosa no cap. XI do nosso estudo *O Espiritismo no Brasil* (Editôra Vozes).

— Ora, como você sabe — continuou ele — o Quintão erra constantemente, principalmente no emprêgo da crase, e na pontuação; e eu tenho um grande empenho em que isto saia correto. Por isso, fiz uma nova revisão, emendando os principais erros que encontrei. Como, porém, eu sou um pouco fraco no português, ... e posso ter emendado coisas que estivessem certas, queria que você conferisse, comigo, as emendas que fiz...

... Haviam, nelas, emendas indispensáveis, que tinham escapado ao Quintão, mas, em compensação, o ilustre "Dr." Freitas... errara muita coisa, que estava certa...

E aí têm os leitores o que valem certas "comunicações" e certos "dirigentes" do Espiritismo brasileiro.

Verifica-se, pois, que a investigação da verdade histórica do fenômeno Chico Xavier torna-o, na realidade, muito menos fenomenal. Não é um iletrado que produz mensagens em estilo brilhante publicadas em quase 60 volumes. Não: E' um cidadão inteligente, poeta por inclinação natural, muito lido, capaz de reproduzir mediocrementemente, em estilos diversos, inúmeras páginas sôbre assuntos bastante banais e que são revistas e corrigidas por outras pessoas mais competentes e melhor formadas. Eis a realidade histórica de Chico Xavier. Nada mais. O resto é boato, fantasia e exaltação.

Agora, dentro dêstes limites reais, não será difícil explicar o resto do fenômeno. Sua fecunda produção de obras literárias, em estado de transe, não é problema para quem conhece a psicologia. Para comprová-lo, fizemos diversas experiências. No Seminário Maior de Viamão, R. S., diante de um auditório de mais de 300 padres e estudantes de filosofia e teologia, escolhemos um, fàcilmente sugestionável, indagamos sôbre suas predileções literárias e ele nos revelou que, entre outros, gostava de ler Drummond de Andrade. Ainda diante de todos, em poucos segundos (não minutos) e com

a maior naturalidade, sugestionado por nós, o estudante entrou em estado de transe moderado. E declaramos: «Agora você é Drummond de Andrade; você está numa feliz hora de inspiração poética; vá ao quadro negro e escreva uns versos!» De olhos abertos, como se estivesse acordado, sem reflexionar, sem corrigir uma só palavra, mas modificando um pouco sua letra habitual, escreveu as seguintes linhas:

Amanhã será tarde,
E' preciso ser hoje.
Por quê? E' preciso!
Ser hoje. Ser hoje.

A noite mastigou todos os meus sonhos.
Não há nada mais.
Só gelo, cinza.
E' alma sem corpo.

Digam os entendidos se isso é parecido com uma produção do poeta sugerido. Mas Drummond de Andrade ainda não «desencarnou». O fenômeno era, pois, indiscutivelmente natural, dêste mundo, «anímico», não «espírita».

Nem mesmo as famosas *receitas*, dadas (ilegalmente) pelo conhecido médium mineiro, provam sua origem espírita. Sabe-se hoje (e fizemos também interessantes experiências neste sentido) que pela faculdade psi-gama alguns percipientes são capazes de «sentir», mesmo à distância, as doenças de outras pessoas e, conseqüentemente, de indicar o remédio. Nunca foram publicadas as receitas prescritas por Chico Xavier. Será por isso difícil formar uma opinião. Um amigo nosso pediu ao Chico uma receita em favor de sua filhinha de 12 anos. E a receita veio assim: «Nossa irmãzinha deve procurar a assistência médica, no setor justo, assis-

tência essa na qual receberá o nosso concurso espiritual. Confiemos na proteção de Jesus». — Sentença sibilina! Não é preciso receber espíritos do outro mundo para formular receita tão polivalente; basta ser esperto e — desculpem — descarado. Tivesse ao menos indicado o «setor justo» da medicina no qual se enquadrasse o caso da menina. Receita assim vale para todos os doentes, absolutamente todos.

Aliás, a propaganda espírita é muito mais categórica e positiva que o próprio Chico Xavier. Os espíritas não têm dúvidas: as mensagens psicografadas, dizem, são realmente de espíritos do além. No prefácio do *Parnaso de Além Túmulo* o próprio Francisco Xavier, entretanto, é bem mais reservado e prudente. Eis aí suas palavras: «O que psicografo será das personalidades que assinam os poemas? E' o que não posso afiançar. O que afirmo categoricamente é que, em consciência, não posso dizer que são minhas, porque não despendi nenhum esforço intelectual ao grafá-las no papel. A sensação que sempre experimentei ao escrevê-las era a de que vigorosa mão impulsionava a minha». — Aí temos a sincera descrição do fenômeno. E aí está também sua explicação.

Por tudo isso, Chico Xavier não é problema para nós.

6) O SOBRINHO TAMBÉM PSICOGRAFAVA...

O Sr. Francisco Cândido Xavier tem um sobrinho. Chama-se *Amauri Pena*. Nasceu em 1933, em Pedro Leopoldo. Com ano e meio foi morar em Sabará, M. G. Quando tinha apenas dez anos, já leu o *Parnaso de Além Túmulo*, do tio. Aos 13 anos já escrevia poemas. Inteligente, lia muito e come-

çou a imitar o estilo de outros autores. Educado em ambiente espírita, com o brilhante exemplo do tio à vista, foi persuadido de ser um grande médium. E começou a «psicografar». Segundo um jornal espírita, «recebeu composições de mais de cinquenta poetas brasileiros e portugueses, cada qual em seu próprio e inconfundível estilo. Recebeu também uma epopéia camoneana, em estilo quinhentista». Cruz e Sousa, Gonçalves Dias, Castro Alves, Augusto dos Anjos, Olavo Bilac, Luís Guimarães Jr., Casemiro Cunha, Inácio Bittencourt, Cícero Pereira, Hermes Fontes, Fabiano de Cristo (!), Anália Franco e até Bocage e Rabindranath Tagore apressavam-se em procurar o sobrinho de Chico Xavier para fazer uns versos... *Síntese*, um boletim espírita de Belo Horizonte, dava ao médium a necessária publicidade.

Iam as coisas nas mais risonhas esperanças. E eis que, num belo dia de 1958 (e pessoalmente não temos nada com o caso, digam embora e repitam os espíritas o contrário), Amauri Pena procura a imprensa profana para fazer sensacionais declarações: «Tudo o que tenho psicografado até hoje — declarou — apesar das diferenças de estilo, foi criado por minha própria imaginação, sem que precisasse de interferência de almas de outro mundo». — E explica: «Depois de ter-me submetido a êsse papel mistificador, durante anos, usando apenas conhecimentos literários, resolvi, por uma questão de consciência, contar tôda a verdade».

Repete-se a história das irmãs Fox, as fundadoras do Espiritismo...

E o sobrinho de Chico Xavier esclarece mais: «Sempre encontrei muita facilidade em imitar estilos. Por isso os espíritas diziam que tudo quan-

to saía do meu lápis eram mensagens ditadas pelos espíritos desencarnados. Revoltava-me contra essas afirmativas, porque nada ouvia e sentia de estranho, quando escrevia. Os espíritas, entretanto, procuravam convencer-me de que era médium. Levado a meu tio, um dia, assegurou-me êle, depois de ler o que eu escrevera, que deveria ser seu substituto. Isso animou bastante os espíritas. Insistiam para que fôsse médium».

O jovem e improvisado médium Amauri continua na descrição de sua estranha aventura: «Passei a viver pressionado pelos adeptos da chamada Terceira Revelação. A situação torturava-me e, várias vezes, procurando fugir àquele inferno interior, entreguei-me a perigosas aventuras. Diversas vezes, saí de casa, fugindo à convivência de espíritas. Cansado, enfim, cedi, dando os primeiros passos no caminho da farsa constante. Teria 17 anos. Ainda assim, não me vi com fôrças para continuar o roteiro. Perseguido pelo remorso e atormentado pelo desespero, cometi desatinos. Em algumas oportunidades, tentei recuar, sucumbido, atordoado. Vi-me, então, diante de duas alternativas: mergulhar de vez na mentira e arruinar-me para sempre ou levantar-me corajosamente para penitenciar-me diante do mundo e de mim mesmo, libertando-me definitivamente. Foi o que resolvi fazer, procurando um jornal mineiro e revelando tôda a farsa. Sei das reações que minhas declarações causarão. Mas não me importo. O certo é que, enquanto me sacrificava pela propaganda de uma mentira, não me julgavam maluco. Não desmascaro meu tio como homem, mas como médium. Chico Xavier ficou famoso pelo seu livro *Parnaso de Além Túmulo*. Tenho uma obra

idêntica e, para fazê-la, não recorri a nenhuma psicografia».

Eis as principais declarações de Amauri Pena.

Claro que não faltou nem podia faltar a reação espírita. Um dos mais notáveis escritores espíritas do Brasil, Herculano Pires («Irmão Saulo»), encontrou logo a explicação mais satisfatória do ponto de vista espírita. Diz que a mediunidade de Amauri é «inegável e irretratável». E explica que o fenômeno espírita «não depende da opinião dos médiuns, e não raro contraria mesmo essa opinião. O fenômeno mediúnico é um fato em si. O caso Amauri é um exemplo disso. Pouco importa que êle se «retrate», que se diga autor das comunicações recebidas. O que importa é a análise das comunicações em seus próprios conteúdos, bem como das circunstâncias em que foram dadas». Não adianta negar a mediunidade, esclarece o espírita, «mesmo que êle a não aceite, mesmo que êle a queira negar», será e continuará médium. E o *Reformador*, órgão da Federação Espírita Brasileira, se consolou, considerando que também Jesus foi traído por um de seus apóstolos... E o Amauri é classificado como «vítima de sua própria afinidade com os obsessores que o trazem acorrentado à vida irregular».

Duas são as lições que iremos colhêr do rumoroso caso:

1) Amauri Pena prova que é relativamente fácil imitar o estilo de outros. E' mais uma questão de exercícios que de espíritos. Lá mesmo, na redação, diante dos jornalistas, imitou vários estilos. Diz êle: «Tenho uma obra idêntica (ao *Parnaso de Além Túmulo*) e, para fazê-la, não recorri a

nenhuma psicografia». Um ilustre literato francês assegura que os «escritores vulgares e incapazes de estilo pessoal, conseguem imitar admiravelmente o estilo de outrem. O pasticho é, efetivamente, um dom que todos podem ter».

2) E' inútil discutir com espíritas. Atitudes preconcebidas e totalmente anticientíficas esterilizam qualquer discussão séria. Declara Amauri Pena ter consciência de ser êle mesmo o autor dos versos; diz que sempre teve facilidade em imitar estilos; confessa que para isso se utiliza de seus conhecimentos literários; — e os espíritas insistem em proclamá-lo médium autêntico, instrumento de Rabindranath Tagore! Nem mesmo Allan Kardec, cem anos atrás, teria procedido assim. O argumento em que Kardec mais insistia era a passividade e a inconsciência do médium, a completa independência da mensagem que, mesmo contra a vontade do médium e contra suas idéias conscientes, ficava surpreendido ao ver a «comunicação». Já vimos isso. Poderíamos recordar muitas passagens nas quais o codificador argumenta constantemente com o facto da «independência absoluta da inteligência que se manifesta». Foi por isso — e só por isso — que Kardec chegou à conclusão de que esta «inteligência independente» devia ser distinta da alma do médium e, portanto, um espírito desencarnado. Semelhante raciocínio teria ficado totalmente sem base e sem valor, se o médium tivesse respondido tranqüilamente (como Amauri Pena): «Mas tudo quanto tenho escrito foi criado por minha própria imaginação e disso tenho plena consciência». Falando, por exemplo, do «sonambulismo desperto», um estado em que «as faculdades intelectuais adquirem um desenvolvimento anormal», confessa Kar-

dec (na introdução ao *Livro dos Espíritos*, p. 41): «Concordamos em que, efetivamente, muitas manifestações espíritas são explicáveis por êsse meio. Contudo, numa observação cuidadosa e prolongada mostra grande cópia de fatos em que a intervenção do médium, a não ser como instrumento *passivo*, é materialmente impossível». Ora, precisamente êste estado puramente *passivo* não é reconhecido pelo sobrinho de Chico Xavier. «Revoltava-me (diz êle) contra essas afirmativas (dos espíritas), *porque nada ouvia e sentia de estranho, quando escrevia*».

Mas os nossos espíritas insistem: «Pouco importa que êle se retrate, que se diga autor das comunicações recebidas, mesmo que êle não aceite, mesmo que queira negar: êle é um grande médium»!

Aqui acabou-se a ciência. Venha, pois, Rabindranath Tagore...

Abriam-se as portas da credulidade. Ouçam o que nos dizem...

7) UMA FANTASIA PSICOGRAFADA

Um dos espíritos que mais freqüentemente se comunica pelo lápis de Chico Xavier chama-se André Luís. Já ditou as seguintes obras: *Nosso Lar*, *Os Mensageiros*, *Missionários da Luz*, *Obreiros da Vida Eterna*, *No Mundo Maior*, *Agenda Cristã*, *Libertação*, *Entre a Terra e o Céu*, *Nos Domínios da Mediunidade*, *Evolução em Dois Mundos*. São volumes com a média de umas 250 páginas cada um.

Tomemos o primeiro: *Nosso Lar*. Já está na sétima edição. Mas a presente análise vai basear-se na quarta edição. Não sabemos se houve, depois,

novas correções. E' bem possível. Os espíritos baixam com tanta facilidade...

O espírito «André Luís» (que, segundo nos dizem, seria um pseudônimo «que encobre a personalidade de distinto médico patricio desencarnado no Rio de Janeiro») relata neste livro uma multidão de acontecimentos, desde a morte do corpo carnal até o seu ingresso, como cidadão, na fantástica colônia espiritual chamada «Nosso Lar».

Imediatamente depois da separação do corpo (a morte), o espírito, agora «desencarnado», de André Luís passou por um período bastante difícil, confuso e desorientado, sempre andando, sem saber por onde nem para onde. «Persistiam — conta êle — as necessidades fisiológicas, sem modificação. Castigava-me a fome tôdas as fibras, e, nada obstante, o abatimento progressivo não chegava a cair definitivamente em absoluta exaustão. De quando em quando, deparavam-se-me verduras que me pareciam agrestes, em tôrno de humildes filetes d'água a que me atirava sequioso. Devorava as fôlhas desconhecidas, colocava os lábios à nascente turva, enquanto mo permitiam as fôrças irresistíveis, a impelirem-me para frente. Muita vez suguei a lama da estrada, recordei o antigo pão de cada dia, vertendo copioso pranto. Não raro era imprescindível ocultar-me das enormes manadas de sêres animálicos, que passavam em bando, quais feras insaciáveis...» (p. 17). Durou oito anos a peregrinação.

Até que encontrou outro espírito: Clarêncio, «um velhinho simpático que sorriu paternalmente» e se apoiava num cajado de substância luminosa. Foi então transportado. Pararam «à frente de grande porta encravada em altos muros, cobertos de trepadeiras floridas e graciosas» (p. 20). Acomoda-

ram-no num leito de emergência, «no pavilhão da direita». Viu-se então num confortável aposento, «ricamente mobiliado». Serviram-lhe «caldo reconfortante, seguido de água muito fresca», portadora «de fluidos divinos». À noite ouviu «divina melodia». Levantou-se e chegou a um enorme salão, «onde numerosa assembléia meditava em silêncio». Soube que era a hora da oração, dirigida pelo governador, através do rádio e da televisão, «com processos adiantados».

No dia seguinte encontrou-se com o «irmão Henrique de Luna», do Serviço de Assistência Médica daquela Colônia Espiritual. Soube então que, só naquela secção, «existem mais de mil doentes espirituais». Examinado, recebeu o seguinte diagnóstico: «A zona dos seus intestinos apresenta lesões sérias com vestígios muito exatos de câncer; a região do fígado revela dilacerações; a dos rins demonstra característicos de esgotamento prematuro» (p. 30). Recebeu como remédio passes magnéticos.

Queremos lembrar aos leitores que se trata de descrições da vida do espírito, depois da morte: não de coisas desta terra.

Um dia foi passear: «Quase tudo melhorada cópia da Terra. Côres mais harmônicas, substâncias mais delicadas. Forrava-se o solo de vegetação... Aves de plumagens policromas cruzavam os ares... Identificava animais domésticos» (p. 38). Viu «vastas avenidas, enfeitadas de árvores frondosas». Entidades numerosas iam e vinham...

Afinal soube que estava numa das muitas Colônias espirituais. Esta chama-se «Nosso Lar», consagrada ao Cristo (p. 22) e fundada por portugueses distintos, desencarnados no Brasil, no século XVI, segundo consta dos «arquivos no Minis-

tério do Esclarecimento» (p. 47). A Colônia é dirigida por um Governador (que naqueles dias comemorou o 114º aniversário de governança) assistido por 72 colaboradores. Divide-se em 6 ministérios, orientados cada qual por 12 ministros: o Ministério da Regeneração, do Auxílio, da Comunicação, do Esclarecimento, da Elevação e da União Divina. E' no Ministério do Auxílio que preparam as «reencarnações terrenas». Há, na Colônia, «mais de um milhão de criaturas» (p. 207).

No passado a Colônia teve que agüentar muitos apertos. Houve maus governadores, com muita oposição, inclusive assaltos por parte de outros espíritos, «que tentaram invadir a cidade, aproveitando brechas nos serviços de Regeneração, onde grande número de colaboradores entretinha certo intercâmbio clandestino» (p. 48). Mas o governador «mandou ligar as baterias elétricas das muralhas da cidade, para emissão dos dardos magnéticos» (p. 49).

Um dia foi de *aeróbus* ao bosque das águas. Era um «grande carro, suspenso do solo a uma altura de cinco metros mais ou menos e repleto de passageiros» (p. 50). Outro dia visitou uma casa particular: «Móveis quase idênticos aos terrestres». Quadros, piano, livros. Com relação aos livros recebeu a seguinte informação: «Os escritores de má fé, os que estimam o veneno psicológico, são conduzidos imediatamente para as zonas obscuras do Umbral». Havia também Sala de Banho. Ao almoço serviram «caldo reconfortante e frutas perfumadas, que mais pareciam concentrados de fluidos deliciosos» (p. 86).

Também o problema da propriedade recebeu sua solução. «Nossas aquisições são feitas à base de horas de trabalho. O bônus-hora, no fundo, é o

nosso dinheiro. Quaisquer utilidades são adquiridas com êsses cupons». Cada família espiritual pode conquistar um lar (nunca mais que um), apresentando trinta mil bônus-hora» (p. 100).

Existe também o Serviço de Recordações. Aplicam-se passes no cérebro, que restituem «trezentos anos de memória integral» (p. 103).

Certa vez encontrou um ancião, gesticulando, agarrado ao leito, como se fôsse louco, gritando por socorro, pedindo ar, muito ar! O homem estava sendo vítima de uma «carga de pensamentos sombrios, emitidos pelos parentes encarnados» (p. 127). Recebeu então passes de prostração. Há também «água magnetizada» e «operações magnéticas» (p. 136).

Num daqueles dias apareceu na Colônia uma católica desencarnada na Terra. Chegou benzendo-se e dizendo: — «Cruzes! Credo! graças à Providência Divina, afastei-me do purgatório...» Revelou que, na Terra, foi mulher de muito bons costumes, que rezou incessantemente e deixou uns dinheirinhos para celebração de missas mensais, em suma, fez o possível para ser boa católica. Confessara-se todos os domingos e comungara. Mas maltratara os escravos. «Padre Amâncio, nosso virtuoso sacerdote, disse-me na confissão que os africanos são os piores entes do mundo, nascidos exclusivamente para servirem a Deus no cativeiro». Morrera em 1888 e só em 1939 alcançou o «Nosso Lar». Fôra longo seu «esforço purgatorial» (p. 164). Também, católica...

Num domingo o governador resolveu realizar o «culto evangélico» no Ministério da Regeneração. Havia meninos cantores das escolas de Esclarecimento, que cantavam o hino «Sempre contigo, Se-

nhor Jesus», cantado por duas mil vozes. Depois de outra cerimônia do culto evangélico, cantaram o hino «A Ti, Senhor, Nossas Vidas». No fim a Ministra Veneranda entoou «A Grande Jerusalém» (p. 208).

E' assim no «Nosso Lar».

Nos outros volumes continua André Luís a descrever a vida e a atividade fantástica do mundo «depois da morte».

Eis a literatura dos nossos espíritas. Êste é o tipo de livros que a Federação Espírita Brasileira propaga, aos milhares, pelo Brasil.

Realiza-se a profecia de São Paulo a Timóteo: «Virá um tempo em que acharão insuportável a sã doutrina; antes, conforme as próprias paixões e levados pelo prurido de ouvir, arregimentarão para si mestres e afastarão os ouvidos da verdade para os voltar às fábulas» (2 Tim 4, 3-4).

8) NOVAS FANTASIAS...

Nem todos os espíritas aceitam as idéias psicografadas por Chico Xavier e outros médiuns, cada dia mais abundantes. O Sr. Mozart Bastos Ferraz, por exemplo, de Ribeirão Preto, S. P. Em 1957 êle publicou um livro com êste título: «A Verdadeira Glória. Espiritismo para os Espíritas», sob o pseudônimo de Alex de Rochester. Na introdução declara que quer apresentar «fatos» e não filosofia, nem mística, nem religião, nem mesmo ciência: *fatos!* Diz que é espírita, mas não concorda com o que por aí se apresenta como Espiritismo. Para êle, chegou a hora de dizer o que está certo e o que está errado. Acredita no Espiritismo, mas não crê no espírito. «Quando um espírito fala

do planêta Marte, quando outro diz coisas que a razão não alcança ou inventa novo sistema filosófico, em nada disso eu creio. Porque também tenho assistido a sessões espíritas em que o espírito, pouco consciente, me exorta a seguir o verdadeiro caminho da Igreja!» Tudo isso é atraso espiritual, é «Espiritismo Católico, puramente católico».

«Durante anos e anos trabalhei como médium de um mesmo grupo em mil lugares diferentes. Fazíamos às vêzes 5 trabalhos por dia». Mas numa noite, êle (sua alma) saiu de si mesmo (de seu corpo) e descobriu que podia passear à vontade, deixando o corpo em casa, no sofá ou na cama. Foi a descoberta! Agora sim, iria êle mesmo, pessoalmente, de próprios olhos, ver o «outro mundo». Depois de uma porção de ensaios e de ginásticas mentais, minuciosamente descritos no livro, iniciou suas viagens. E descobriu uma Cidade Espiritual chamada «Aurora», que se situa acima de Ribeirão Preto.

Em Aurora não há nenhum veículo, de nenhuma espécie, nem há diferença entre dia e noite. «O todo não é construído numa simetria quadrangular e são as ruas tôdas mais ou menos como linhas sinuosas procurando um destino desconhecido. O calçamento é de um cinzento fôsko, como se fôsse um aço sem reverberações. Tôda a extensão interna, junto ao muro, é ocupada pela parte residencial; no centro está situado o parque e na orla e ao redor dêle se situam os órgãos diretivos. ... Não venta, não chove e não há necessidade de termômetro, porque a temperatura é estável, absolutamente... A cidade é grande: um raio, partindo do centro do círculo, teria 5 quilômetros até atingir a orla do bosque e mais 20 até a periferia. Aí vive uma

população mais ou menos fixa de 1.000.000 de habitantes... E' móvel o leito das ruas sinuosas, uma conduzindo em direção ao centro e outras alternando com esta». Há hospitais, escolas, bibliotecas, teatro...

«Não se toma qualquer alimento, nem mesmo água; não se fuma e não existe qualquer espécie de vício» (p. 47). «Embora não se possa procriar, o desejo sexual persiste e pode ser satisfeito... Mas não se pense que se foge da relação sexual por uma questão sexual, coisa que nem sei bem o que é... Nem se trancarão para isso» (p. 81).

«Nenhum ser é empregado do outro e nenhum trabalha pela própria vontade» (p. 47). Todos se vestem de maneira idêntica: um blusão, um pouco mais largo ou apertado, conforme o gosto, e calças ou saias. Todos são jovens (33 anos) e belos. Mas em tôdas as mulheres há «um eterno ar de sensualismo insatisfeito» (p. 48). Também podem andar nuas (p. 80).

Religião é coisa que lá não existe (p. 52). E «o conceito de moral, para o espírito, é quase diametralmente oposto ao humano» (p. 79).

Por lá também não há nenhuma vida animal: «Não há animais, nem insetos, e nem mesmo os homens poderiam procriar — se fôsse o caso — porque não há espermatozóides» (p. 68). Mas no bosque da Aurora há pássaros, «que ali fazem o ciclo da evolução» (p. 69).

Na biblioteca há também obras célebres, conhecidas na Terra (p. 76). Mas «em casos gerais o autor escreve suas obras antes de encarnar e depois, na Terra, tenta reproduzi-la» (p. 77). Com a pintura é a mesma coisa.

No Departamento da Reencarnação êle aprendeu uma grande novidade: «Não existe livre arbítrio!» (p. 88). «Estamos fatalmente sujeitos ao ciclo das reencarnações, à evolução primeira e em todos os sentidos. Somos quem somos e temos uma vontade particular porque há uma vontade geral: seguindo esta no todo, teremos aquela no particular. Nada mais» (p. 89). E' no prédio imenso dêste Departamento, com incrível variedade de secções, que é dado o destino, feito o modêlo do corpo futuro; aí o espírito é entregue «às turmas de Reencarne» que o despacham para a Terra (p. 92).

Foi em Aurora que o nosso felizardo espírita soube definitivamente que era «bobagem» (p. 129) dizer que Jesus é Deus e que Maria é a mãe de Deus. Aliás, um espírito lhe disse com tôda franqueza: «Nunca acreditei nas bobagens que na biblia se lê, nunca me dominei pela superstição idólatra dos católicos» (p. 148).

Numa ocasião se encontrou com Maria. Ela foi logo dizendo: «Fui mãe carnal de Jesus e nada mais que isso. Se você acredita nas coisas que a biblia diz, se dali não tira apenas o sentido moral, queimando o restante, então não poderemos conversar. Porque tudo aquilo é mais lenda do que realidade» (p. 150). Depois vai ficar sabendo a história verdadeira, sem lenda, sem acréscimo e sem nenhuma imaginação. Eis o que se deu na realidade, segundo as verificações do nosso espírita (pp. 157 ss.):

Maria casou-se com José. Mas os dois não eram nem místicos, nem religiosos. «Ambos analfabetos, grosseiros, rudes e tardos de raciocínio». Tiveram seis filhos e duas filhas. O mais velho era Jesus, que, «de espírito mais dócil, não era dado a aven-

turas, como seus irmãos, muito embora às vezes se arriscasse a elas. Fêz a côrte a várias môças, mas não era seu destino casar». Quando tinha 30 anos, deu-lhe vontade de correr o mundo e ver os homens. Saiu. Na primeira noite de sua viagem dormiu ao relento, recostado a um tronco. Nesta mesma noite, em Jerusalém, Madalena, juntamente com Judas Iscariotes, estavam num animado baile. Jesus continuava dormindo e, como, segundo a doutrina kardecista, durante o sonho a alma se desprende do corpo, ficando ligado apenas com um fio fluídico, assim também a alma de Jesus foi dar uns passeios. Nisso, pelas duas horas da madrugada, chega o poderoso espírito chamado Cristo, com seus emissários. Estes cortam ràpidamente o cordão fluídico que ligava a alma de Jesus com o corpo e o Cristo entra naquele corpo, agora animado com um novo e poderoso espírito. Daí por diante, quem andava naquele corpo, já não era Jesus, mas Cristo (p. 160)... Nesse mesmo tempo continuava o baile no palácio de Madalena. Judas, cansado de tanto dançar e beber, ressonava num canto da sala. Veio então o espírito de Jesus, com os emissários de Cristo, e separaram o espírito de Judas daquele corpo cansado. E o espírito de Jesus entrou no corpo de Judas Iscariotes... (p. 161).

Essa é que é a pura verdade evangélica...

São, pois, dêsse tipo os «fatos» do Sr. Mozart Bastos Ferraz. Diz êle que o verdadeiro Espiritismo é o dêle. Outros não concordarão. E' a confusão.

Continuem os espíritas a largar as rédeas da fantasia e terão mais, muito mais...

9) ATE' FREI ROGÉRIO BAIXOU E PSICOGRAFOU

A Redação do *Diário da Noite*, do Rio, recebeu em julho de 1959 uma mensagem psicografada de «Frei Rogério». Num centro espírita haviam solicitado ao espírito de Frei Rogério «uns esclarecimentos a respeito do nosso ilustre irmão Frei Boaventura». O espírito não se fêz esperar, «baixou», psicografou e trouxe revelações verdadeiramente notáveis sôbre o «irmão Frei Boaventura».

E começa dizendo que lhe é fácilimo dar as informações pedidas, uma vez que «com êle convivi argumentando muitas e inúmeras vêzes»: «Seu gênio combativo é leal e dentro dêste combate não transige absolutamente, como até o presente momento, em tudo o que possa contraditar os seus objetivos dogmáticos religiosos». Lembra-se, por exemplo, Frei Rogério de uma discussão que teria tido comigo sôbre a Eucaristia, quando eu teria manifestado minhas dúvidas. Mas, diz êle, no mais sou um «encantador amigo».

Seguem uns conselhos e, afinal, declara: «Venho em nome de Deus esclarecer que o nosso caro irmão Frei Boaventura é justamente a concretização da lei da causa e efeito... Frei Boaventura está na terceira volta». E vem, então, a grande novidade. Eis aí, textualmente:

«A primeira [encarnação] foi no tempo do Imperador Constantino. Nessa época a heresia era punida com a excomunhão. E muito trabalhou êle nesse setor. Desencarnou. Sua segunda volta foi como inquisidor. Chamou-se Domingos de Gusmão (!). Era de uma ferocidade tremenda. Sua missão consistia em denunciar hereges. A terceira volta, que é esta, depois de séculos de sofri-

mento, vem o nosso insigne irmão se corrigindo, buscando mesmo no sacrifício dessas polêmicas de muitas formas realizar a elevação espiritual, dentro do próprio espiritismo, sem o sentir».

Eis a fantástica notícia. Fantástica, ao pé da letra. Porque é pura fantasia. Frei Rogério faleceu em 1934 e *nunca falou comigo*. Só entrei no convento em 1941 e foi então que vi o primeiro franciscano na minha vida. Em 1934, estava eu caçando lebres nos chircaís de Bagé...

Aliás, a acreditar nos espíritos dos espíritas, não foi esta a primeira mentira e mistificação de Frei Rogério. Anda pelas nossas livrarias uma obra, já em segunda edição e, ao que se anuncia, com uma tiragem de 20 mil exemplares. O livro traz no frontispício os seguintes dizeres: «Frei Rogério Neuhaus, O. F. M., *Missionário de Amor, Luz e Redenção*». Mostra ainda a capa uma fotografia do conhecido franciscano falecido no Rio de Janeiro com fama de santidade. Muita alma piedosa já terá comprado êste livro pensando adquirir uma obra escrita pelo próprio Frei Rogério ou, ao menos, uma biografia do venerado servo de Deus.

Mas com a leitura das 300 páginas vai-se percebendo que a obra não só não foi escrita por Frei Rogério, nem só não apresenta a descrição da vida e das atividades missionárias do ilustre franciscano, mas que, ao contrário, é um livro destinado a destruir completamente a verdadeira memória do apostólico frade. Trata-se, na verdade, de um volume «psicografado» pela médium Hilda Cerqueira de Carvalho, publicado pelo Sr. Antônio Luís do Lago, impresso nas oficinas da Editôra «A Noite», do Rio de Janeiro, e divulgado pela Editôra «Divino Mestre», de São Paulo. Frei Rogério teria

baixado, não se diz em que centro espírita, para dar esta longa série de mensagens do além...

Vejamos algo do conteúdo destas novíssimas revelações espíritas: «Como sabeis, eu, Rogério, fui frade». Muitas vezes se insiste nesta passada qualidade do fantasiado autor. E assim, com essa autoridade de ex-franciscano e ex-sacerdote, êle poderá falar à vontade. E assim falará, por exemplo, da vida dos conventos: «E' uma verdadeira devassa que vou fazer, porém é necessário, pois tive ordens superiores para que o faça. Perdoem-me os meus ex-colegas de sacerdócio, porque a verdade tem de ser posta aos olhos de todos» (p. 37)...

Depois falará do «convento de Santa Catarina» (que, aliás, só existe na fantasia subconsciente da médium, pois não há convento com êste nome) e do convento de Santo Antônio, do Rio de Janeiro. «Minha permanência no convento foi a mais penosa possível. Meus colegas achavam o meu físico feio e me criticavam». Sic! «Em tôda minha vida de convento tive ocasião de observar que ali é o lugar onde se abriga maior hipocrisia; é o maior centro de espionagem íntima, para que cada qual mereça melhores graças. O orgulho tem ali o seu marco fundamental. Enfim: debaixo dos portões sombrios das ogivas seculares do convento, fui testemunha de muita insensatez, de muita indignidade...» (p. 38).

Como ex-padre poderá, naturalmente, falar da confissão. «Eu, como bem o sabeis, fui um frade»: «De nada serve a confissão feita ao padre... Não há necessidade de intermediários neste encontro com o Divino Mestre» (p. 281). «Uma coisa me levou a cometer grandes injustiças para com os meus confessandos: foi a censura formal ao Espiritismo,

pois que me tornava por vêzes áspero para com alguém que insistisse em permanecer na prática dêsse piedoso exercício, que é o intercâmbio com os desencarnados. E tive de responder pelo meu delito...» (p. 20).

Eis aí um modo de fazer dizer a um padre as maiores diatribes contra a Igreja e contra os sacramentos e, ao mesmo tempo, recomendar o Espiritismo...

Legítimo espírita agora, «Frei Rogério» terá que repetir também o chavão propagandístico de tôdas as seitas ocultas: «Como já disse, não venho combater crenças nem destruir idéias» (p. 34). Mas logo em seguida ataca violentamente a Igreja, de tal modo que êle mesmo pergunta admirado: «Por que perseguir a Igreja Católica?» E a resposta vem clara: «Podeis responder por mim, que a isso vos autorizo: E' que ela criou no mundo um ambiente de hipocrisia, de orgulho e de vaidade, lançando mão de perigosos subterfúgios, empregados como disfarce de religião, para introduzir o êrro no coração dos meus ex-colegas de confissão religiosa, incutindo-lhes na alma um misto de fé e ostentação, uma humildade mentirosa, para disfarçar o orgulho. E assim, entrando em luta com a ostentação, criou um falso ambiente de fé e de amor a Deus e a Jesus, e aos poucos vem acarretando sôbre si responsabilidades tremendas, das quais não se pode livrar. Então, como qualquer outro mortal, ou talvez ainda mais responsável que êle, tratou de criar dogmas, deturpando as leis do Senhor, travando a própria consciência e esquecendo os juramentos feitos...» (p. 41).

E neste estilo continua a mentirosa acusação. Naturalmente, não poderiam faltar as apocalípti-

cas ameaças: «Aproxima-se a época em que o clero, que tem vivido somente de impressionar a ignorância com o aparato de suas ostentações e com o coração escravizado aos bens do mundo, será forçado a compreender que tudo quanto tem difundido sob a legenda de um patrimônio eterno, vai ser desmoronado, ruidosamente, pelo terremoto das transformações compulsórias que se aproximam... E' que essa Igreja, grande perante o mundo, mas pequena ante o juízo de Deus e de Jesus, atraíndo os exemplos dos primeiros apóstolos, abandonou a humanidade ao seu destino, sem rumo; e, além disso, envolveu-a nas trevas dos seus interesses temporais, em vez de lhe iluminar a consciência com o Sol da Verdade representada em Jesus» (p. 291).

E o autor tem consciência da mistificação: «Se todos vós que me conhecestes, comparásseis as minhas idéias anteriores com as atuais, não diríeis ser da mesma pessoa. Como é que êle, um frade zeloso, um combatente ardoroso do catolicismo, um fiel seguidor do Papa, em todos os seus preceitos, poderá nos induzir a um caminho tão diverso ao que o levou a ascender até Deus, a ser merecedor de tantas graças que recebia de Jesus para espalhá-las pela humanidade!» (p. 20).

Com efeito, a diferença entre o verdadeiro e vivo Frei Rogério e o pseudo frei Rogério da fantasia espírita é essencial e substancial. Um nega o outro. Sereno então, impetuoso agora; crente então, descrente agora; caridoso então, caluniador agora; seguidor de Cristo então, defensor das idéias kardecistas agora; veraz então, mentiroso agora; em suma, católico então, espírita agora.

E no entanto os espíritas o apresentam hoje como se ainda fôsse franciscano e católico: «*Frei Rogério Neuhaus, O. F. M.*». Assim está na capa. E lá está também sua fotografia em hábito franciscano. Disseram êles logo no frontispício que se trata de mensagens recebidas por um «espírito» tal; deixassem êles bem claro que o livro apresentado não é católico, mas um produto espírita; houvesse leal correspondência entre o conteúdo do livro e sua fachada — e nada teríamos a dizer, nem dêle nos ocupariâmos. Mas um livro visceralmente anticlerical e anticatólico, com uma capa declaradamente clerical e católica, é uma indigna, desleal e criminosa mistificação. Lembra o lobo voraz escondido sob a pele de ovelha. E', aliás, um recurso habitual da propaganda espírita. Dissimulam seus centros de necromancia e heresia atrás de fachadas com nomes de Santos Católicos. Só assim conseguem iludir os desprevenidos e atrair os incautos.

Mas esta espécie de mistificação não deixa de ser um crime. Deveríamos ser mais decididos: denunciar o crime e processar os criminosos.

10) E O VERBO HABITOU ENTRE NÓS

Querem os espíritas mensagens do além. Bom sinal. Prova que o homem, entregue a si, é insuficiente e precisa de ser ajudado. Os espíritas procuram êste auxílio através da psicografia. Não querem dogmas: buscam *fatos*. Dizem que a Doutrina precisa apoiar-se sôbre fatos. E sôbre que fatos, afinal, se fundamenta a doutrina espírita? Allan Kardec responderá claramente em *O Livro dos Médiuns* (20ª ed. p. 66): «As mesas girantes representarão sempre o ponto de partida da Doutrina Espírita».

As mesas girantes!

Eis os fatos espíritas. Já vimos o valor crítico destes fatos. Não provam, absolutamente, a realidade das comunicações do além. Se o fundamento é frágil, fragilíssima será, então, a construção sobre ele erguida.

Mas por que querem sempre novas mensagens do além? Por que tantas sessões e reuniões, em centros e terreiros? Por que tôdas essas tentativas de evocação de espíritos, pretos velhos ou caboclos?

A resposta é uma só: Já não crêem na mensagem de Jesus Cristo. Perderam a Revelação Divina. E por isso vão atrás de fantasias. Escreveu o Apóstolo a seu discípulo Timóteo: «Virá tempo em que acharão insuportável a sã doutrina; antes, levados pelo prurido de ouvir, acrescentarão mestres sobre mestres, a seu capricho e talante, apartando os ouvidos da verdade e voltando-se para as fábulas» (2 Tim 4, 3-4).

Realiza-se ao pé da letra a profecia de São Paulo.

Jesus falou claro: «Um só é vosso Mestre, Cristo» (Mt 23, 10). «Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida; ninguém vem ao Pai senão por mim» (Jo 14, 6). Também os Apóstolos falaram claro: «Em nenhum outro há salvação, pois nenhum outro nome nos foi dado sob o céu, entre os homens, pelo qual possamos ser salvos» (At 4, 12). Aos gálatas escreve São Paulo: «Admiro-me de que tão depressa, abandonando aquele que vos chamou à graça de Cristo, vos deixeis levar para outro Evangelho. Não é que haja outro; o que há é que alguns vos perturbam e pretendem perverter o Evangelho de Cristo. Mas, ainda quando nós ou

um anjo do céu vos anunciasse outro Evangelho, diferente do que vos havemos anunciado, seja anátema. Eu vo-lo disse antes, e agora de novo vo-lo digo: Se alguém vos pregar outro Evangelho diferente do que recebestes, seja anátema» (Gál 1, 6-9).

Dirão os espíritas: «Nós queremos *fatos!*»

Respondemos: «Nós também queremos *fatos*».

E quais são êstes fatos? A mesa dançante? Não! O lápis que escreve na mão do médium? Não! O prêto velho ou o caboclo que se incorpora no balaô do terreiro? Não! Que outros fatos haverá, mais seguros e mais divinos? Eis o fato sôbre o qual se baseia a doutrina cristã: *a ressurreição de Cristo!* Os Apóstolos saíram pelo mundo como testemunhas da ressurreição de Jesus; e nesta base colocaram firmes e confiantes a doutrina recebida. Não cremos na doutrina de Cristo simplesmente porque Êle o disse; cremos em Jesus porque Êle ressuscitou, provando assim, com um *fato* inaudito, a veracidade de sua missão e de suas palavras. São Paulo o diz aos Coríntios: «Se Cristo não ressuscitou, é vã a nossa pregação, vã é também a vossa fé; e nós aqui estamos como falsas testemunhas de Deus, porque contra Deus depusemos que ressuscitou a Cristo, quando de fato não o ressuscitou — se é que os mortos não ressuscitam. Pois, se os mortos não ressuscitam, também Cristo não ressuscitou. Mas, se Cristo não ressuscitou, é vã a vossa fé e ainda estais nos vossos pecados, e estão perdidos também os que em Cristo morreram. Se tão sômente para esta vida temos esperança em Cristo, somos os mais deploráveis de todos os homens. Entretanto, Cristo ressuscitou!» (1 Cor 15, 14-20).

Foi por isso, por causa dêste *fato*, que o incrédulo Apóstolo Tomé se lançou aos pés de Cristo para professar sua fé incondicional em Jesus.

E a ressurreição de Cristo é um fato superior, incomparavelmente superior, às mesas dançantes e aos lápis escreventes dos psicógrafos nos centros espíritas.

Querem que alguém baixe do alto? Pois não: quem baixou não foi um espírito qualquer e incontrolável e duvidoso do centro; quem baixou não foi o Pai Jacob do terreiro ou o Caboclo Rompe-Mato da tenda; quem baixou foi o próprio Verbo Eterno: «No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, *e o Verbo era Deus...* E o Verbo se fez carne *e habitou entre nós*; e nós vimos a sua glória, glória como de Unigênito do Pai, cheio de graça e de verdade» (Jo 1, 1. 14).



ÍNDICE

1) Kardec encontra as mesas falantes	6
2) A insuficiência da crítica kardecista	12
3) A psicografia apresentada por Allan Kardec	18
4) Análise psicológica de uma mensagem psicografada	23
5) Nosso maior psicógrafo	27
6) O sobrinho também psicografava	38
7) Uma fantasia psicografada	43
8) Novas fantasias	48
9) Até Frei Rogério baixou e psicografou	53
10) E o Verbo habitou entre nós... ..	58